

Poética dos Afetos: lugar de fala, erotismo e empoderamentos em *A Voz das Minhas Entranhas*, de Deusa D'África

Poética de los Afectos: lugar del habla, erotismo y empoderamientos en "A Voz das Minhas Entranhas", de La Deusa D'África

Poetics of Affections: place of speech, eroticism and empowerments in "A Voz das Minhas Entranhas", by Deusa D'África.

Jéssica Rodrigues Férrer

Joranaide Alves Ramos

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar como os afetos e afecções estão representados em *A voz das minhas entranhas* (2014), de Deusa D'África, considerando como o lugar de fala desta escritora promove empoderamentos individuais e coletivos, em um país vítima de um longo e cruel processo colonialista. Para tanto, desenvolvemos um estudo qualitativo e bibliográfico, alicerçado em contribuições teórica-críticas como Berth (2019), Pinheiro (2020), Freitas (2020), entre outros. Entendemos que a poesia de Deusa D'África, escrita sob um viés crítico-político, permite uma discussão legítima sobre [des]igualdade de gênero e estratégias de subversão deste desequilíbrio através de uma política de afetos, ferramenta de poder e potência revolucionária.

Palavras Chave: Afeto. *A voz das minhas entranhas*. Deusa D'África. Empoderamento. Lugar de fala.

Resumen: El objetivo de este artículo es analizar como se representan los afectos y los sentimientos de afectos en *A voz das minha entranhas* (2014), de Deusa D'África, considerando como el lugar de enunciación de esta escritora promueve el empoderamiento individual y colectivo en un país que ha sido víctima de un largo y cruel proceso colonialista. Por ello, desarrollamos un estudio cualitativo y bibliográfico, basado en aportes teórico-críticos de Berth (2019) Pinheiro (2020), Freitas (2020), entre otros. Entendemos que la poesía de Deusa D'África, escrita bajo una perspectiva crítico-política, permite una legítima discusión sobre la igualdad de género y las estrategias de subversión de este orden a través de una política de afectos, herramientas de poder y de poder revolucionario.

Palabras Claves: Afectos. *A voz das minhas entranhas*. Deusa D'África. Empoderamiento. Lugar de habla.

Abstract: The aim of this article is to analyze how affections and the acts of affecting are representend in "A voz das minha entranhas" (2014), by Deusa D'África. For this reason, this work consideres how the place of speech occupied by this writer promotes individual and collective empowerment in a country that has been victim of a long and cruel colonialist process. Therefore, it was needed to develop an qualitative and bibliographical study, based on the theoretical contributions of Berth (2019) Pinheiro (2020), Freitas (2020), among others. We assume that Deusa D'África's poetry, written under a critical and political perspective, allows a legitimate discussion on gender [un]equality and subversion strategies of this order through a poetics of affections, tools of power and revolutionary power.

Key-words: Afect. *A voz das minhas entranhas*. Deusa D'África. Empowerment. Place of Speech.

Jéssica Rodrigues Férrer – Doutoranda em Letras (PPGL/UFPB). E-mail: jessica-ferrer@hotmail.com

Joranaide Alves Ramos – Doutoranda em Letras (PPGL/UFPB). E-mail: joranaide.alvesramos@gmail.com

Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos – Doutoranda em Letras (PPGL/UFPB). E-mail: thamiresvasconcelos.adv@gmail.com

INTRODUÇÃO

Conscientes da necessidade de questionar discursos normativos, oriundos das estratégias ideológicas e políticas que fundamentaram as colonizações de terras e de pessoas, e da imprescindibilidade de discutirmos temas como igualdade de gênero e empoderamento de grupos subalternizados, em especial, das mulheres negras africanas, fazemos esta leitura de *A voz das minhas entranhas* (2014), de Deusa D'África¹, demonstrando que esta escritora constrói uma voz poética atenta às relações de gênero em um país neonato.

Para tal reflexão, inicialmente, examinamos como as escritoras moçambicanas têm se mobilizado para territorializarem seus discursos através das artes e como a literatura de autoria feminina é importante para a [re]construção identitária daquela sociedade, marcada violentamente pela colonização portuguesa e subjugação de mulheres. Esse contexto fundamenta *A voz das minhas entranhas*, obra em que encontramos uma voz lírica feminina que reformula este universo cultural em múltiplas searas, a começar pela estética poética e, defrontando-se com a história, questiona os arranjos sociais, bem como a política herdada pelos ditames coloniais, vez que adota, como constituinte da sua discursividade poética as relações humanas individuais e coletivas, peculiaridade que, nesta pesquisa, compreendemos como Poética de Afetos.

Os poemas reunidos nesta coletânea problematizam, pois, importantes questões para o feminino moçambicano, para a autoria feminina, o que nos permite destacar a sua relevância para a poesia contemporânea como um todo, visto que o enfrentamento às relações de poder que adotam o gênero como elemento de dominação é espelhamento não apenas da política colonial, mas, sobretudo, da colonialidade do poder, conforme destaca Maria Lugones (2020, p. 72). Todavia, insta salientar que esta formação comporta-se de forma retroalimentar, posto que “a imposição de gênero forma a colonialidade do poder e o tanto que a colonialidade do poder forma esse sistema de gênero” (LUGONES, 2020, p. 72).

Nesta perspectiva, selecionamos, para compor o nosso *corpus*, os poemas “São e Vão” (2014, p. 19), “A voz das minhas entranhas” (2014, p. 71-72), “A Escravatura” (2014, p. 45), “Fina (a Fina)” (2014, p. 30-31) e “Hoje apetece-me” (2014, p. 22-23), os quais corporificam, em seus versos, a proposta de subversão desta categoria de gênero ao questionar o seu arranjo composicional e os seus desdobramentos limitantes ao feminino. Destarte, a análise do referido *corpus* nos permite compreender que se trata de uma poesia de resistência que, utilizando-se da autorrepresentação e representação de seus pares, visibiliza e concede visibilidade às mulheres, o que legitima a nossa compreensão acerca do empoderamento como força individual e mecanismo coletivo de reconstrução social, através da conseqüente construção de coletividades empoderadas. Assim, a poetisa adota em seus versos a subversão dos ditames culturais de gênero e promove um movimento de lírica decolonial, rompendo com hierarquias de opressão e permitindo a construção de um mundo equânime.

¹ Segundo Freitas (2020), Dércia Sara Feliciano Tinguissse nasceu em Xai-Xai, província de Gaza, no dia 05 de Julho de 1988, em Moçambique. Mestre em Contabilidade e Auditoria, atualmente, é professora na Universidade Pedagógica e na Universidade Politécnica, em Moçambique. É Coordenadora Geral da Associação Cultural Xitende, é palestrante, ativista cultural, promotora do direito à leitura e mentora do projeto Círculo de leitores. É colunista do Jornal Correio da Palavra, da revista portuguesa InComunidade e do Jornal Literário Pirâmide. É autora do Romance *Equidade no Reino Celestial* (2016), das Coletâneas de Poemas *Ao encontro da vida ou da morte* (2016) e *A voz das minhas entranhas* (2014), obra premiada no Concurso Literário Internacional Alpas XXI 2011, no Brasil.

No tocante à metodologia, foi necessário desenvolver um estudo exploratório, bibliográfico e qualitativo, buscando contribuições teóricas de pesquisadores, tais como Carmen Lúcia Tindó Secco, em *De sonhos e afetos: percursos da poesia moçambicana* (2010) e *Afeto & Poesia – Ensaios e entrevistas: Angola e Moçambique* (2014), Sávio Roberto Fonseca de Freitas, em *Deusa D'África: uma voz feminista afro-moçambicana* (2020), Vanessa Neves Rimbau Pinheiro, em *As representações do corpo feminino na poesia moçambicana: Dos grilhões à liberdade* (2020), Djamila Ribeiro, em *O que é lugar de fala?* (2017), Joice Berth, em *Empoderamento* (2019), Audre Lorde, em *Os usos do erótico, o erótico como poder*, entre outros.

1. A Voz de Deusa D'África e do Feminino Moçambicano

Conforme Sávio Freitas (2020), a literatura moçambicana de autoria feminina tem florescido, com luta e resistência por parte das escritoras, diferente dos tempos de efetiva colonização portuguesa, fundamentada pelo machismo moçambicano entrecruzado e enrobustecido pelo lusitano. Tal cenário encontrou o antagonismo ativista e militante de Noémia de Sousa (1926-2002), Paulina Chiziane (1955), Lília Momplé (1935), Sónia Sultuane (1971) e Deusa D'África (1988), por exemplo, que, através da Literatura, inscrevem histórias de mulheres africanas e contribuem para a construção de um humanitarismo atento às relações de raça, de classe e de gênero.

A territorialização do discurso feminino na literatura representa, também, os novos lugares ocupados por algumas mulheres, conforme destaca Lugones (2020) “conceber o alcance do sistema de gênero do capitalismo eurocêntrico é entender até que ponto o processo de redução do conceito de gênero à função de sexo, seus recursos e produtos, constitui a dominação de gênero” (LUGONES, 2020, p 72-73). Todavia, conforme destaca a referida pensadora, estas marginalizações ideológicas do feminino, apresentada como questão biológica, não refletiu sobre a realidade das mulheres africanas. A concepção de gênero, embebida das imbricações da racialidade, designou às mulheres brancas e europeias os papéis biológicos e essencialistas produzidos pelo patriarcado, sendo a estas distribuídas atividades privadas, como uma atribuição natural, a qual normalizou – e ainda normaliza – a dominação e objetificação destas. Entretanto, insta salientar que tal redução do conceito à proposta ideológica obedecia o binômio raça e gênero, conforme aponta Lugones (2020, p. 73), não sendo destarte sua aplicação extensiva à raça. Ou seja

as fêmeas não brancas eram consideradas animais sem gênero, marcadas sexualmente como fêmeas, mas sem as características da feminilidade. As fêmeas como seres inferiores foram transformadas de animais a diferentes versões de mulheres – tantas quantas foram necessárias para o capitalismo eurocêntrico. (LUGONES, 2020, p.73)

Não por acaso, a literatura moçambicana tem se dedicado, muitas vezes, a representar e nos fazer pensar sobre as violências e exotizações às quais são submetidos o corpo feminino negro desde o contato com os colonizadores brancos, ao tempo que, segundo Vanessa Pinheiro (2020), contribui para a desconstrução da representação subalternizada dos corpos negros femininos. Ademais, visa descolonizar o imaginário acerca das mulheres africanas – e negras – ao trazer para a problematização temas socialmente sensíveis e estruturantes.

A literatura moçambicana foi/é/será instrumento de combate através das complexificações de temas – como ancestralidade, maternidade, casamento, poligamia, aborto, privilégios de classe,

erotismo e sexualidade, por exemplo – realizadas, especialmente, por mulheres conscientes de seu papel social. Essa literatura tem crescido e sua voz é essencial para aquela sociedade, para a sua [re]construção. No caso de Moçambique, essa edificação conta com o movimento da moçambicanidade, “liderado por mulheres moçambicanas ativistas e militantes, as quais veem nas artes e na literatura um caminho para pensar a nação moçambicana como um território africano em que as discussões sobre raça, classe e gênero precisam ser revisadas em prol de um humanitarismo coletivo” (FREITAS, 2020, p. 47).

Esse movimento ecoa os sonhos de um mundo melhor de milhares de mulheres africanas invisibilizadas, violentadas. As escritoras moçambicanas juntam suas vozes ao coletivo e contribuem para essa [re]invenção da Nação. Deusa D’África, nesse contexto,

observa o mundo com os seus olhos juvenis e nada lhe escapa. Cada uma das suas palavras tocam o coração e iluminam o espírito de quem a lê. Evocam todos eles a paz, a igualdade, a harmonia e o equilíbrio do mundo. [...] Ela mostra que, a nova geração de esquebra os tabus que são impostos às mulheres. [...] Poesia de mulher não é um cacarejo a reprimir. A visão feminina do mundo não é exterior à essência humana. O feminino e o masculino não estão separados. [...] Neste momento de turbilhão humana, a poesia no feminino é a voz que embala, que equilibra e eleva as almas humanas em voos de esperança. (CHIZIANE, Paulina, 2014, p. 14-15)

O trecho faz parte do Prefácio de *A voz das minhas entranhas* (2014). Paulina Chiziane, grande expoente da literatura moçambicana, recém-ganhadora do Prêmio Camões, para além de declarar o nascimento desta jovem escritora, pontua a importância da resistência das mulheres às imposições patriarcais e machistas e a de pensar, politicamente, a Nação a partir do feminino. A literatura moçambicana de autoria feminina é, portanto, um lugar de afetos e de afecções, ora utópicos, ora distópicos, mas fundados na história de sua Nação e, por conseguinte, das mulheres.

Sobre isso, Carmen Secco (2014, p. 13) investiga como os afetos e as afecções, “alegria, esperança, amor, ódio, tristeza, melancolia, etc.”, estão retratados em obras africanas a partir de entrevistas de autores angolanos e moçambicanos, levando em conta a correlação com seus contextos. Secco (2014, p. 13-14) aponta que um afeto “sucede concomitantemente, no corpo e na mente, abalando tanto a matéria como o espírito [...] integram a natureza do homem e não podem ser julgados como imperfeições; são concebidos como ações e reações humanas a determinadas afecções”, enquanto estas são “modos de sentir que afetam, principalmente o corpo; são imagens ou ideias que se manifestam como emoções, sentimentos provocados por causas externas, sensações”.

Concordamos com Secco (2014, p. 21), ainda, quando ela afirma que pensar sobre os afetos indica “repensar o mundo, apreendendo sentidos inusitados que a linguagem da poesia e da arte são capazes de formular. Afetando histórica, social, política, filosófica, existencial e esteticamente quem as admira, lê e/ou interpreta”.

A voz das minhas entranhas (2014) é, pois, uma encarnação, uma demonstração do feminino, ao tempo que problematiza e reivindica demandas importantes para o feminino moçambicano e para a autoria feminina. Destacamos, então, alguns de seus poemas, a começar por “São e Vão” (2014, p. 19):

Os olhos do poeta são um mar,
ondas consecutivas vão tecendo o luar,
conchas e mariscos vão decorando o espaço lunar,
em todas manhãs o sol e seus filhos a raiar,
tsunamis e outros sismos vão construindo o epicentro e seu lar,
ventos e brisas vão se confundindo na arte de amar,
postais e cartas são recebidos mesmo sem selar,
homens bons e maus vão jogando o lixo mesmo respirando esse ar,
casas vão se erguendo na paridade territorial a desmornar,
gotas de água vão salgando vidas para o homem saborear,
e essas vidas vão esmorecendo com o nascer da cegueira do mar;
Cardiologistas vão se afogando tentando animar
o coração marítimo desalentado por se explorar
seus bens, em prol de remédios para remediar,
a dor pelos mesmos causada, sem intenção de consciencializar,
os outros matadores deste inocente e puro olhar.

Banhada e movida pelas águas do Oceano Índico, a voz lírica de Deusa D'África diz que os olhos do poeta são o mar que, segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2008, p. 592), é “símbolo de dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos”. As simbologias apontadas neste *Dicionário* se relacionam perfeitamente com os sentidos extraídos da leitura deste poema: a vida é tecida, é transfeita pelos olhos do poeta.

Se os olhos do poeta são o mar, os elementos que o compõem vão constituindo as múltiplas existências, um “lar” harmonioso, a “arte de amar”. Com profunda consciência ecológica, o eu lírico chama a atenção para a presença de “homens bons e maus [que] vão jogando o lixo mesmo respirando esse ar”, matando este “inocente e puro olhar”. Ou seja, enquanto matadores quebrantam o olhar/mar, em sinal de resistência às afecções, “gotas de água vão salgando vidas para o homem saborear”, numa tentativa de agir contrariamente às suas experiências.

A poesia de Deusa D'África é, pois, muito lúcida sobre o importante papel que a Literatura de autoria feminina exerce sobre o seu contexto tão atravessado por imputações patriarcais e machistas. Nesse sentido, *A voz das minhas entranhas* funciona como uma espécie de tratado feminista afro-moçambicano, como aponta Freitas (2020), dividido em duas partes: “Masmorra” e “Fórmula da morte”. Na primeira, com extensão maior, encontramos poemas que tratam sobre as prisões que encerram ações, sentimentos e vidas humanas, em especial, de mulheres e de escritoras. Na segunda, há uma reflexão sobre vida e morte de pessoas, da poesia, do amor, sobre céu, inferno e eternidade, sendo a morte, às vezes, uma libertação do encarceramento da “Masmorra”. O poema homônimo, “A voz das minhas entranhas” (2014, p. 71-72):

Gritam o sim e o não
As vezes o yes and no
Sem hora nem espaço
Sem critério nem consideração
Do que as vezes faço

Um idioma ainda não descoberto
 Uma guerra ainda não vencida
 Uma guerra entre corpo e alma
 Ressuscitando Tchakas em mim
 Que expulsam Nduandes das minhas entranhas
 E vingam-se da morte de Dinguiswayo.

Não tem nenhuma cor
 Mas resplandece como a dor
 Segmentando este território
 Por subculturas
 Pelas quais, nenhuma bandeira se iça
 No espelho da minha alma
 Para extinguir a sofreguidão
 Neste solo cujo sangue alimentara terras.

Há em mim uma terra mais agressiva
 Violentando outra por vezes
 Mesmo a outra sendo mansa em meses
 Determinados, que ela deriva.

Uma é verdadeira
 E a outra é hipócrita
 Mas vence quem é mais forte
 E sobrevive da guerra da morte.

Antes de tudo, é importante olhar para a segunda estrofe do poema, na qual há uma retomada à história do Reino Zulu, grupo étnico originário da África do Sul, respeitado pela habilidade de caça e de batalha e pela resistência às colonizações portuguesa, britânica e bóeres, entre os séculos XIV e XX. Esse reino viveu sob a liderança de Tchaka, um chefe supremo, astuto militar, dito proprietário das terras, das vidas e das mortes dos membros da tribo; com a morte de seu pai, Tchaka, apoiado por Dinguiswayo, líder de um exército poderoso, tomou o trono de sua tribo. Em batalha contra Zwide, da tribo de Ndwandwa, o aliado de Tchaka é assassinado e, depois de duras batalhas por meio de uma poderosa investida militar, o líder Zulu submete Ndwandwa ao seu comando, vigando a morte de seu aliado, Dinguiswayo (PITTA, Valter, 2010).

Os zulus, graças à sua resistência, são sobreviventes que vivem em Lesoto, Essuatíni, Zimbábue e Moçambique, este atravessado pela colonização de Portugal e os demais pelo Reino Unido. Tal fato permite retomar os versos 1 e 2 do poema e a consequente imposição dos idiomas europeus e avançar para terceira estrofe, na qual o eu lírico reafirma o doloroso processo de segmentação do seu povo e de sua terra e sua insatisfação diante dos resultados catastróficos. O canto de lamento e de dor se arrasta por todo o poema ao tempo que aponta avidamente para a ancestralidade africana singrada. A voz de minhas entranhas chama a atenção do povo para a necessidade de [re]constituição de sua identidade.

Ou seja, a voz lírica do poema que está na segunda parte do livro critica a colonização e os seus efeitos sobre África. A segmentação do território, ocasionada por sua dominação capitalista,

secciona laços fraternos e dá continuidade à política desumana de exploração das pessoas e da terra. As entranhas, neste caso, correspondem ao ventre e à terra, fazendo da voz um som que ressoa reivindicações das deusas, as mulheres e a terra. Como em quaisquer sociedades patriarcais, coloniais e capitalistas, ambas são subjugadas e o “sim” e o “não” apresentados na primeira estrofe também representam a permissão para a existência das mulheres nessas sociedades. Vale observar, também, “A Escravatura” (2014, p. 45):

Sou escrava
Sim, não me agrava
Saber que sou colonizada
Pelas minhas entranhas

Vou ao **xibalo**
Mas em vez
de plantar sisal
em vez de construir
pontes e estradas
o meu patronato
manda-me encher rios

Carrego baldes
e baldes de água
todo o dia e noite
quando sozinha fico
até o patronato tornar-se rico.

No dia e noite
em que eu encher o rio
terei a minha liberdade
e nunca mais serei
de nenhum colono, escrava.

Desde a conquista de sua independência, à Moçambique têm sido impostas diversas transformações políticas, econômicas e sociais que exigiram a implantação de vários modelos de produção, entre eles, o xibalo, trabalho forçado, implementado, segundo Malomalo, Bernardo e Nerua (2018), a partir de 1930, depois da instalação do Estado Novo. Tal regime era baseado na violência e apropriação das pessoas e se assemelhava a uma nova escravização.

O poema destacado parte da discussão sobre estratégias políticas e ideológicas que justificaram as colonizações, neste caso, a portuguesa, em busca da acumulação de bens. O processo de colonização se sustentou na escravidão de pessoas, transformadas em objetos, e não precisamos dizer o quanto isso foi devastador, principalmente para as mulheres que, além de serem forçadas ao trabalho braçal, tiveram suas entranhas tomadas para a reprodução obrigatória. O tema é retomado: mulheres e terra foram apropriadas e expropriadas.

“A escravatura” inscreve as colonizações externa e interna de mulheres, o xibalo interminável a que muitas mulheres foram submetidas, aqui comparado ao processo de “encher rios”. Há, ainda,

na última estrofe, o sonho de libertação. Trata-se, pois, de um sonho apenas. A voz poemática será livre quando “encher o rio” e esta é uma tarefa impossível. Registra-se uma crítica, entre as outras, às colonizações existentes até hoje que subjagam mulheres e as relegam ao claustro.

Os poemas registrados até aqui, produtos de uma voz feminina, consentem a reflexão sobre a tomada de África bem como sobre a conscientização de sua independência ideológica e isso é confirmado por Deusa D’África em entrevista realizada pelo professor e pesquisador Sílvio Luiz Paradiso, da UFRB (2020, p. 5):

A minha escrita é *Metamiserista*², que traduz as falas silenciadas pelos prantos que irrompem as madrugadas, traduz as desonestidades de oligarquias que fomentam as leis injustas para impor a justiça, traduz a linguagem dos objectos definidos e indefinidos pelas incertezas, traduz a miséria humana enquanto pequeno for o espírito, traduz as obscenidades dos homens desta época, seus desatinos e incoerências. Uma escrita de luta, desconstrução, irreverência e acima de tudo, uma escrita de *intervenção social*. [sic]

Ou seja, os afetos e afecções da poesia de Deusa D’África vêm da história de seu povo e de sua terra e estão atentos à sua existência, em prol de um mundo mais humanizado e equalizado, [re]agindo contra as imposições coloniais, o que é uma atitude política de pertencimento àquele lugar, repleto de incertezas sociais e marcado pela suposta superioridade dos homens.

Também por isso, é importante reconhecer o lugar de Deusa D’África na literatura moçambicana. Ao poetizar sua “africanidade, defender a multiculturalidade de seu povo” (PARADISO, 2020) e inscrever vidas de mulheres e seus corpos erotizados ou rasgados, Deusa D’África transgrede os ditos discursos hegemônicos e vence os obstáculos determinados pela exclusão de gênero, abrindo caminhos para autorrepresentação e representação de seus pares, ao tempo que cria espaços para ser/em ouvida/as. Sua Poesia emancipa, visibiliza e valida saberes, raízes e histórias de grupos subalternizados e, aqui, destacamos, especialmente, a marginalização das mulheres. Sobre esse contexto, Djamilia Ribeiro (2017, p. 25), baseando-se em Ana Lima, afirma que:

seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam de raça, gênero, classe para que se pudesse construir novos lugares de fala com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica.

Esta Poesia admite, pois, pensar sobre outros e novos lugares de fala, explorando as diversas identidades e individualidades segregadas, como classe, gênero, raça, religião, orientação sexual, intersecções que, juntas ou separadas, forjam opressões variadas. Contrário a isso, é essencial, consoante Ribeiro (2017), criar uma conjuntura social que permita aos grupos excluídos alcançar cidadania através de experiências diversificadas e coletivas e que rompam com visões essencialistas e universalistas.

Ou seja, Deusa D’África contribui com estas reflexões a partir do momento que conquista o seu lugar de fala, por intermédio de sua Poesia e sua fala, vai muito além do ato de emitir de sons.

²Segundo a poetisa, na mesma entrevista a Paradiso (2020), o termo é originário de um de seus projetos literários que está em fase de revisão, *Metamiserismo: uma nova escola literária*, livro escrito em parceria com Dom Midó das Dores.

“O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir” (RIBEIRO, 2017, p. 36). Sua fala representa e traz à tona a necessidade do lugar de fala de milhares de mulheres silenciadas, postergadas aos espaços privados, sem poder de decisão, destinadas aos cuidados domésticos, sem reconhecimento político, científico ou artístico. A poesia moçambicana de autoria feminina viabiliza refletir sobre as relações humanas, sobre a essencialidade de elos comunitários e irmanados, ao passo que contesta a “historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente[s] da hierarquia social”, rompendo “com o regime de autorização discursiva” (RIBEIRO, 2017, p. 36/39). Sobre isso, destacamos “Fina (a Fina)” (2014, p. 30-31):

Vós que sois deusa
menina dos sonhos meus enfeitados
pela beleza e vossa voz que fez meus olhos encantados.

Vossos cabelos curtos,
pretos resplandecentes e que não perdoam
rodeados pelos insectos voadores
que revelam que vós sois deusa
mãe das águas, ao vivo e a cores
vós que fostes dado o poder
de governar o trono de ser bela.

Mas, quem sou eu!
para vo-la admirar!
O vosso olhar que desperta
e alerta as pestanas que sorriem
como dentes pela deslumbrância
dos vossos olhos que cintilam
e ao mundo atilam.

A vossa cor da pele
que a noite repele
às estrelas não resiste,
vossas mãos ao que tocam
a tranquilidade coloniza
will you be the lost angel
mas eles eram cruéis e vós sois fiéis
Em vossos calcanhares
as serpentes se arrastam
como numa monarquia de servos
que à monarca respeitam.
Sois deusa! De florestas não desvendadas,
dos mares enigmáticos onde repousam os vossos nervos,
que libertam o mundo dos maremotos
e terramotos, só por pisardes a terra que é nossa. [sic]

Trata-se de um poema no qual percebemos a constituição da deusa. Aqui, interessa destacar o que disse a escritora na mesma entrevista a *Paradiso* (2020, p. 3) sobre o seu nome artístico:

porque todo o poder de criação e procriação está assente a uma divindade, se existe Deus há que existir uma Deusa com poder de ser o que o pensamento se oferece a ser, porque todos nós queremos ser deuses, basta que haja fé em nossos desígnios... Porque se não és capaz de amar a ti próprio não podes amar ao outro e se não és capaz de ser a divindade de ti mesmo não és capaz de crer em alguma coisa... Sê tu a tua própria sombra e deixe o sol transpor-se a ti e cobrir com a sua luz à tua cabeça para o que o teu corpo ganhe forma às mãos do tempo, que é teu criador.

Adiante, Deusa D'África explica que o seu nome é extraído de uma de suas personagens do romance *Equidade no reino celestial* (2016), uma mulher eleita a lutar pela africanidade destruída pela colonização e, por encontrar semelhanças com a mulher ficcional, Deusa decidiu dar vida a ela. Associamos a isto, esta voz lírica que, na contramão da cultura patriarcal e monoteísta, propondo uma nova organização do mundo, reprimiu e excluiu o princípio feminino do Universo, se encontra com uma deusa “de florestas não desvendadas”, “dos mares enigmáticos”, “que liberta o mundo dos maremotos e terremotos”, bela, encantada, deslumbrante, “mãe das águas”, que governa o mundo, tranquiliza e domina serpentes. Humilde, este eu lírico reconhece a grandiosidade deste encontro e encantamento de seus olhos pela voz da deusa que faz dela a deusa de sua poesia e [re]criadora do mundo.

As deusas se levantam e nos permitem pensar na recuperação de algo que foi desprezado, o princípio feminino, consentindo-nos a refletir sobre a recuperação da feminidade dos seres humanos, algo potencialmente transformador. Trata-se de uma contraposição às estruturas violentas, decorrentes, em parte, das colonizações que instituíram o masculino e a cultura como superiores ao feminino e à natureza, dando àqueles o direito sobre estes.

Nesse contexto, algumas/alguns artistas optaram, ainda, segundo Secco (2014, p. 68), “erotizar Moçambique, fazendo pulsarem os desejos silenciados por séculos de violência e autoritarismo”, levantando um Poética que buscava liberdade espiritual. Deusa D'África contribui com este projeto e inscreve mulheres sexualizadas e erotizadas que podem representar muitas outras mulheres, como em “Hoje apetece-me” (2014, p. 22-23):

Hoje apetece-me
Pintar os teus lábios,
Com a tinta da minha boca,
E este pincel nela mergulhado
até ela ficar oca.

Hoje apetece-me
Soletrar em surdina
Tudo o que queres ouvir
Como o sopro que deu a vida a Adão
E ulteriormente tornar-me
Tuas vestes
Desse corpo despido
Pelo meu desejo
E os deuses dando-me um ensejo

De alcançar a carreira de estilista
Só para te vestir
Com a tua nudez que almejo.

Hoje apetece-me
Fazer sem cunhas
Mas sim, usando minhas unhas
na textura da tua tez.

Hoje apetece-me
Fumar as tuas mágoas
E aliviar os pulmões
Com um charuto.

Hoje apetece-me
Ao altar, levar-te,
E casar-te
Só e só por hoje,
Ter a lua-de-mel,
E esquecer a acerbidade
Desse coração fel
Na escolha de homem, cheio de sumptuosidade.

Hoje apetece-me
Nas tuas entranhas, arquejar
Nelas manejar
Mergulhar no mar da incerteza, só para te ter.

O corpo feminino retratado no poema é erotizado e liberado. Erotizado porque, segundo Elódia Xavier (2007, p. 157), é um “corpo que vive sua sensualidade plenamente e que busca usufruir desse prazer”; liberado porque é fluido, livre de “esquemas predeterminados, coercitivos e repressores” (XAVIER, 2007, p. 179). Sobrepondo-se às características frequentemente impostas/conferidas às mulheres, a mulher do poema é sedutora, empoderada, ativa e busca realizar-se, deseja a nudez do homem eleito por ela, levá-lo ao altar e, diferente do esperado, subverte a lógica social em que tem a mulher como objeto de desejo e não como sujeito desejante. Inscreve-se o desejo de penetrar nas entranhas do amado, manejá-las e alcançar o prazer através da consolidação do ato sexual.

As imagens construídas são altamente sinestésicas, libidinais e traduzem poder. Os sentidos do corpo são retomados, enquanto o desejo feminino é descrito e realizado. Esta crítica social aos colonialismos dos corpos femininos e de suas relações somente é possível por meio do autocohecimento das mulheres, da tomada de sua própria história. Xavier (2007) aponta que os corpos sempre foram colocados em segundo plano em relação à mente; a desvalorização do corpo é conivente à opressão das mulheres que, por sua vez, institui misoginia, hierarquizações e dualismos que criam mecanismos desconstrutores e controladores destes corpos, definidos como vulneráveis e reprodutores.

Nesta esteira, pensar e abordar o erótico requer o zelo ante às reduções e marginalizações deste lugar entre a “incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes” (LORDE, Audre 1984, p. 10). Este senso íntimo de satisfação e completude, uma vez experienciado, descortina a potência criadora e impede qualquer forma de existência sem a sua integração. Ou seja, o erótico deve ser lido e compreendido como sentimento, desejo e busca emancipatória frente às vivências. O que nos permite conceituar, essencialmente, o erótico como poder.

Todavia, os usos do erótico como constituinte da feminilidade e recurso de poder fora, no curso da história, destituído de sua potência revolucionária ao ser sistematicamente reduzido e atacado pela sociedade ocidental em suas modalizações de gênero, relegando às mulheres que ousaram – e que na atualidade ousam – a utilizar-se deste recurso como atributo individual e político. Conforme aponta Lorde (1984, p. 9):

O erótico tem sido freqüentemente difamado pelos homens, e usado contra as mulheres. Tem sido tomado como uma sensação confusa, trivial, psicótica e plastificada. É por isso que temos muitas vezes nos afastado da exploração e consideração do erótico como uma fonte de poder e informação, confundindo isso com seu oposto, o pornográfico. Mas a pornografia é uma negação direta do poder do erótico, uma vez que representa a supressão do sentimento verdadeiro. A pornografia enfatiza a sensação sem sentimento [sic].

Neste sentido, acrescenta ainda que:

Fomos ensinadas a desconfiar desse recurso, que foi caluniado, insultado e desvalorizado por pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder. (LORDE, 1984, p. 9)

Destarte, se o corpo é político, o corpo feminino e a feminilidade podem ser lidos como espaços de interdição, dominação e silenciamento. A apropriação do erótico, pela poetisa, como elemento estético, transcende os limites da versificação e assenta-se no enfrentamento às políticas de gênero do universo heteronormativo e sua colonidade do poder, posto que propõe ao feminino um caminho de empoderamento através da subversão da erotização que objetifica, pelo erotismo que concede à mulher consciência sobre si.

A interseccionalidade provocada pela cultura, pela raça, pela classe, pelo sexo, pelas subjetividades ao corpo feminino nos incita a questionar os modelos dominadores e suas implicaturas. No poema, há, pois, uma proposta de corpo e subjetividade empoderada, sexualizada, erotizada, liberta, uma dura crítica às relações de gênero; um desencarceramento de uma mulher que pode amar, desejar e se realizar. A representação desses corpos aponta para a reflexão sobre as práticas sociais correntes, visto serem as ações dos corpos orientadas, segundo Xavier (2007, p. 25), “pelos e para os contextos institucionais”, marcadamente patriarcais, coloniais e capitalistas, sendo o domínio da eroticidade pela mulher uma ferramenta política de contestação e abalo às estruturas sociais.

Quando mulheres escrevem, imediatamente registram suas vidas, seus corpos, bem como, de seus pares, afirmando suas existências, suplantando disposições patriarcais e machistas, [re]singularizando as experiências, subjetividades e socialidades humanas, o que nos remete aos registros ecológicos guattarianos (2012, p. 8). O posicionamento poético de Deusa D'África é de autorreconhecimento e isso, segundo Joice Berth (2019, p. 18) é,

autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.

Esta consciência permite a quaisquer pessoas falar e agir pela comunidade. O empoderamento individual é, neste caso, também coletivo. Essa proposta origina-se do conceito de empoderamento descrito por Berth (2019), como um expediente que proporciona emancipação política e social, bem como insubordinação aos padrões e poderes hegemônicos que engendram desigualdades e segregam mulheres, a fim de equalizar experiências e existências sociais. Nesta esteira, o poema supramencionado nos permite adotar a escrita poética de Deusa D'África como um manifesto sócio-político que visa desestruturar as engrenagens patriarcais, através da subversão do lugar de gênero destinado à mulher.

Ademais, ainda, da perspectiva de empoderamento, a feminista negra (2019) aponta para a necessidade de [re]conhecimento de suas realidades por parte das mulheres, oportunizando o empoderamento cognitivo, psicológico, político e econômico, libertando-as globalmente, em tese pelo menos. É claro que se trata de um processo complexo, longo, fundamentalmente político, que denega a instituição do patriarcado branco, ocidental, heterocêntrico e do capitalismo que outorgou o aniquilamento das sociedades, entre outras, africanas.

Berth (2019, p. 35) diz, também, que o empoderar deve ser um conjunto de “estratégias necessariamente antirracistas, antissexistas e anticapitalistas e [transcender] as articulações políticas de dominação que essas condições representam”, partindo de perspectivas individuais que se juntam e coletivizam a causa, transformando grupos historicamente oprimidos. Consoante Berth, os empoderamentos individual e coletivo são profundamente complementares, visto que as subjetividades e individualidades que formam uma coletividade empoderada dizem respeito àquela comunidade.

O lugar de fala de Deusa D'África e os processos revolucionários de empoderamento individual e coletivo que sua Poesia parece representar são matérias importantes que asseguram discussão efetiva sobre as desigualdades de gênero e sociais, relações de poder ao tempo que permitem uma transformação social local e externa. Nesse sentido, destacamos o que afirma Secco (2010, p. 153) sobre as poetisas e os poetas moçambicanas/os:

tais artistas transformam, desse modo, suas composições poéticas em locais políticos, onde o amor, os sonhos e os afetos surgem como alternativas políticas para libertar o pensamento e os sentimentos de cada cidadão dos paradigmas partidários utópicos e fechados, característicos dos tempos regidos por um *ethos* revolucionário.

A voz das minhas entranhas tem fundamento no afeto e nas afecções africanas com os quais podemos pensar ações que promovem empoderamentos individuais que, unidos, produzem coleti-

vidades empoderadas que reconhecem outrem e, a partir disso, agem humanitariamente. Tais ações criam a consciência de que todas as pessoas podem existir e possuir lugares de fala, quebrando os silêncios estruturais, violentos e instituídos para os grupos subalternizados, rompendo com hierarquias opressoras e permitindo a construção de um mundo equânime.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colonização deixou um rastro de profunda violência onde foi instituída. Milhares de pessoas foram subalternizadas e exploradas com vista à acumulação de bens e expansão da cultura colonizadora. Esta ação foi ainda mais dura com as mulheres que, além de serem dominadas e usadas como mão-de-obra, também tiveram seus corpos e sua sexualidade tomados pelo patriarcado colonizador. Moçambique é uma das vítimas desse processo e que, recém saído desta condição, tem lutado pelo restabelecimento de sua ancestralidade, de sua pluralidade e [re]direcionamento de sua identidade cultural.

A literatura moçambicana de autoria feminina tem contribuído essencialmente com esta tarefa, bem como sobre o questionamento das condições das mulheres negras daquela Nação, à medida que as escritoras, por meio de um discurso humanizado, questionam regras patriarcais e coloniais que, por sua vez, sobrepõem homens em prejuízo das mulheres.

O lugar de fala de Deusa D'África e o processo de empoderamento individual e coletivo que sua Literatura inscreve e representa permitem uma discussão legítima sobre [des]igualdade de gênero, estabelecimento do patriarcado e os poderes que dele advém, ao passo que possibilitam uma transformação social naquela sociedade, bem como fora dela, rompendo com hierarquias dualistas, violências estruturais e silêncios de grupos subalternizados, dando-lhes lugares de fala.

Tais contemplações, originadas pelos poemas selecionados, foram possíveis através da reflexão feita sobre afetos e afecções na Poesia Moçambicana, em especial, da Obra de Deusa D'África, produção literária voltada para construção de sentidos e de sentimentos de humanidade e de libertação das mulheres, sob um viés político e crítico que condiciona pensar sobre relações socioculturais e de gênero de um País que preserva tradições patriarcais muito severas.

REFERÊNCIAS

- BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- D'ÁFRICA, Deusa da. *A voz das minbas entranbas*. Maputo: Ciedima, Ltda., 2014.
- FREITAS, Sávio Roberto Fonseca de. Deusa D'África: uma voz feminista afro-moçambicana. In: *Revista do NEPA/UFF*. Niterói, v.12, n.25, p. 43-53, 2020.



LORDE, Audre. Os usos do erótico, o erótico como poder. In: *Textos escolhidos de Audre Lorde*. Heretika, 2018. Disponível em <<https://we.riseup.net/assets/483071/Audre+lorde+Textos+escolhidos+2a+edi%C3%A7%C3%A3o-bklt.pdf>>. Acesso em 01/11/21.

LUGONES, Maria. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MALOMALO, Bas'lele; BERNARDO, Edgar Manuel; NERUA, Lucas Alberto Essilamo. XIBALO: A ideologia do trabalho na era colonial em Moçambique no século XX. In: *Cadernos de África Contemporânea*. v.1, n.1, p. 58-71, 2018.

PARADISO, Sílvio Luiz. “Tudo que escrevo é fruto da possessão!” – Entrevista com Deusa D’África (Deusa Sara Feliciano). In: *Revista África e Africanidades*. Ano XIII, n.35, 2018.

PINHEIRO, Vanessa Neves Rimbau. As representações do corpo feminino na poesia moçambicana: Dos grilhões à liberdade. In: *Revista Criação & Crítica*. n.27, p. 23-36, 2020.

PITTA, Valter. Império Zulu. In: *O fascinante Universo da História*, 2010. Disponível em <<http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/02/zulus.html>>. Acesso em 15/10/21.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. De sonhos e afetos: percursos da poesia moçambicana. In: *Revista Cerrados*, v. 19. N. 30. 2010, p. 143-156.

_____. *Afeto e Poesia: Ensaios e Entrevista: Angola e Moçambique*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

